

COLÉGIO SÃO LUÍS

**ENSINO MÉDIO
CURSO DE METODOLOGIA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

CARIME ATALA ELMOR

**Entre filtros e reflexões: redes sociais, autoimagem e a crítica à cultura da
aparência na série Beleza Fatal**

**São Paulo
2025**

CARIME ATALA ELMOR

**Entre filtros e reflexões: redes sociais, autoimagem e a crítica à cultura da
aparência na série Beleza Fatal**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito de aprovação em “Metodologia de Iniciação
Científica”, na 2ª série do EMI do Colégio São Luís.

Orientador: Prof. Me. Graziano Costa

São Paulo
2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais e a minha irmã, que sempre acreditaram no meu potencial e me ensinaram o valor do esforço e da sensibilidade.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Graziano Costa, que acreditou em mim desde o início, me apoiou com paciência e esteve sempre disponível para esclarecer dúvidas, orientar com sabedoria e incentivar minha confiança no processo. À minha família, pelo amor incondicional e por me apoiar em cada etapa deste percurso.

E a todas as jovens que, em meio às pressões estéticas e às comparações constantes, buscam reconhecer sua própria beleza e valor — que este estudo sirva como um lembrete de que autenticidade também é forma de coragem.

*“O perigo não está na busca pela beleza,
mas naquilo que sacrificamos para alcançá-la.”*

Beleza Fatal

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso investiga a influência das mídias sociais na construção de padrões de beleza e na busca por intervenções estéticas entre jovens do sexo feminino, com base em uma abordagem qualitativa e descritiva. O estudo busca compreender como as representações midiáticas e os discursos visuais impactam a autoimagem, a autoestima e o comportamento das adolescentes, especialmente diante da cultura da comparação e da estética idealizada. A metodologia consiste em uma revisão bibliográfica narrativa apoiada em autores como Fardouly, Tiggemann, Copetti e Camargo, aliada a uma análise de conteúdo da série Beleza Fatal, que ilustra a influência da mídia na valorização da aparência física e na pressão estética. Os resultados apontam que as redes sociais, ao promoverem padrões inatingíveis de beleza, contribuem para o aumento da insatisfação corporal e para a normalização de práticas estéticas precoces, revelando a urgência de uma reflexão crítica sobre o papel da mídia na formação identitária das jovens.

Palavras-chave: Mídias Sociais; Padrões de Beleza; Autoimagem; Estética; Juventude.

ABSTRACT

This undergraduate thesis investigates the influence of social media on the construction of beauty standards and the pursuit of aesthetic interventions among young women, based on a qualitative and descriptive approach. The study aims to understand how media representations and visual discourses affect adolescents' self-image, self-esteem, and behavior, especially within the culture of comparison and idealized beauty. The methodology combines a narrative literature review, supported by authors such as Fardouly, Tiggemann, Copetti, and Camargo, with a content analysis of the TV series *Beleza Fatal*, which illustrates the media's influence on body image and aesthetic pressure. The findings indicate that social networks, by promoting unattainable beauty standards, contribute to increased body dissatisfaction and the normalization of early aesthetic practices, highlighting the urgent need for critical reflection on the media's role in shaping young women's identity.

Keywords: Social Media; Beauty Standards; Self-image; Aesthetics; Youth.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PROBLEMA.....	12
3 OBJETIVO GERAL.....	13
4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
5 HIPÓTESES.....	14
6 METODOLOGIA	15
CAPÍTULO 1 - AS MÍDIAS SOCIAIS COMO AMBIENTE DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E ESTÉTICA.....	16
CAPÍTULO 2 - BELEZA FATAL: A ESTÉTICA COMO ARMADILHA MIDIÁTICA E O CORPO COMO CAPITAL.....	21
2.1 Pressão estética e padrão inalcançável	21
2.2 Redes sociais, validação e dismorfia	24
2.3 A série como crítica social	25
CAPÍTULO 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS: BELEZA, IDENTIDADE E O ESPELHO DIGITAL	28
3.1 Beleza, mídia e identidade contemporânea	28
3.2 A ficção como espelho social	28
3.3 A lógica da estética e a vigilância social.....	29
3.4 O espetáculo e o sofrimento	30
3.5 A dimensão simbólica da vingança e da libertação	30
3.6 O corpo como sintoma e a crítica ao consumo estético	31
3.7 Educação midiática e reconstrução da imagem.....	31
3.8 Síntese e encerramento	31
6 REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as redes sociais consolidaram-se como parte integrante da rotina de milhões de pessoas ao redor do mundo, especialmente entre os jovens. Plataformas como Instagram, TikTok e YouTube exercem um papel significativo na formação da identidade social e pessoal, influenciando comportamentos, pensamentos e valores. Entretanto, esses ambientes não se configuram apenas como espaços de interação social, mas também como locais onde padrões estéticos são constantemente reforçados.

A busca por aceitação e aprovação nas redes sociais tem suscitado amplos debates acerca dos impactos na autoestima, sobretudo entre jovens do sexo feminino, que frequentemente se deparam com padrões de beleza difíceis ou mesmo inatingíveis. Nesse contexto, destaca-se a relevância de investigar como as redes sociais influenciam a construção da imagem corporal dessas jovens, promovendo pressões estéticas, especialmente através da atuação de influenciadores digitais, e seus consequentes impactos psicológicos.

As redes sociais possibilitam que os jovens definam e ajustem sua aparência, muitas vezes baseando-se nas referências compartilhadas por outros usuários nessas plataformas. A exposição contínua a representações corporais padronizadas induz muitas jovens a moldarem sua autoimagem segundo tais referenciais. De acordo com Fardouly et al. (2015), a construção de versões aprimoradas de si mesmas, impulsionada pelo uso de filtros e edições, tornou-se uma prática recorrente, especialmente entre as mulheres jovens. Plataformas como Instagram e TikTok constituem ambientes onde o valor estético é central, incentivando a busca por uma configuração corporal frequentemente inalcançável.

Esse processo é caracterizado por um ciclo comparativo, no qual a autoimagem das jovens é constantemente confrontada com os padrões disseminados nas redes sociais, afetando negativamente a satisfação corporal e o bem-estar emocional. A imposição desses padrões é fortemente impulsionada por influenciadores digitais e celebridades, que tendem a retratar modelos estéticos idealizados. A exposição frequente a esse conteúdo provoca efeitos psicológicos, levando muitas jovens a sentirem-se compelidas à adequação. Figuras vinculadas aos setores de beleza,

moda e estilo de vida exercem significativa influência, estimulando a reprodução de seus estilos e comportamentos.

Tiggemann e Slater (2014) apontam que a exposição constante ao estilo de vida e à aparência de influenciadores pode gerar sentimentos de inadequação, levando jovens a buscar conformidade com modelos estéticos frequentemente inalcançáveis. Esse fenômeno é particularmente intenso em plataformas como Instagram, onde a promoção visual de um estilo de vida "perfeito" é uma prática recorrente.

A dinâmica das redes sociais estimula comparações entre a própria aparência e a de terceiros, o que prejudica a autoestima das jovens. A constante exposição a imagens de corpos "perfeitos" e vidas aparentemente impecáveis pode gerar sentimentos de inadequação em relação às próprias realidades. Esse processo é potencializado pelas imagens filtradas, que criam representações corporais inatingíveis.

Estudos demonstram que o hábito de avaliar a própria aparência com base em imagens alheias impacta negativamente a autoestima das jovens, podendo aumentar a insatisfação corporal e desencadear problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão (Fardouly et al., 2015). A busca por validação externa, expressa através de curtidas e seguidores, afeta a percepção que as jovens constroem de si mesmas.

Plataformas como Instagram, TikTok e Snapchat desempenham papel fundamental na construção e no reforço dos padrões de beleza, promovendo uma cultura centrada na imagem, em que corpo e aparência são constantemente expostos e avaliados. O uso de filtros, edições de fotos e a curadoria criteriosa de conteúdos visuais contribuem para consolidar um padrão de beleza cada vez mais irreal e inacessível. Como consequência, muitas jovens se sentem pressionadas a reproduzir essas imagens, buscando um corpo idealizado, que frequentemente não corresponde à realidade.

A popularização dessas plataformas intensifica a preocupação com a adequação estética, levando jovens a buscar conformidade com ideais de beleza como forma de obtenção de validação social. O conteúdo promovido nesses espaços, geralmente idealizado, com o uso frequente de filtros e edições, pode contribuir para a formação de uma imagem corporal distorcida entre as jovens.

A busca pela conformidade com o padrão hegemônico de beleza tem resultado no aumento da adesão a procedimentos estéticos, como cirurgias plásticas e

tratamentos diversos. Celebidades e influenciadores que compartilham abertamente suas experiências com esses procedimentos contribuem para a normalização dessas práticas, criando uma pressão para que as jovens sigam o mesmo caminho na busca por um corpo considerado ideal. Esse fenômeno reflete uma tendência da sociedade contemporânea, na qual a busca pela beleza externa se torna quase uma obrigação social, especialmente em ambientes que exaltam a aparência física.

Produções audiovisuais como a série *Beleza Fatal* ilustram, de forma impactante, como as redes sociais afetam a maneira como as jovens percebem sua própria aparência e se comportam. A trama destaca a obsessão pela beleza idealizada e os riscos da cultura da aparência, evidenciando como a internet incentiva a busca incessante por um corpo "perfeito". Assim como ocorre na realidade, as personagens vivenciam um ciclo de comparação e insatisfação, alimentado por algoritmos que reforçam padrões irreais de beleza, comprometendo a saúde mental e fomentando a adesão a procedimentos estéticos.

O uso de filtros nas redes sociais tornou-se um fenômeno amplamente difundido, especialmente entre as jovens, promovendo distorções na percepção corporal. Filtros de beleza, que suavizam imperfeições e modificam traços faciais e corporais, criam imagens "perfeitas" e impactam negativamente a forma como as garotas percebem seus próprios corpos. De acordo com Camargo (2024), o uso excessivo de filtros potencializa a ocorrência de dismorfia corporal, transtorno caracterizado pela percepção distorcida da própria imagem. A autora destaca que essa prática reforça inseguranças e impulsiona comportamentos comparativos prejudiciais, sendo particularmente preocupante entre adolescentes, que, por estarem em fase de desenvolvimento e formação identitária, tornam-se mais suscetíveis às pressões estéticas amplamente difundidas nas plataformas digitais.

A pressão para alcançar o corpo perfeito pode desencadear distúrbios alimentares, como anorexia e bulimia, que afetam gravemente a saúde física e mental. Conforme destaca Copetti (2018), “verificou-se que redes sociais e comunidades na internet podem influenciar o surgimento ou agravar os TAs. Intervenções baseadas na terapia cognitivo-comportamental demonstraram alta eficácia”. A exposição contínua a imagens filtradas e idealizadas favorece insatisfações com a aparência real e intensifica a pressão pela adequação a um padrão estético artificial.

Ademais, cabe refletir sobre como os meios de comunicação podem contribuir positivamente para a desconstrução do padrão estético vigente, estimulando o

pensamento crítico das adolescentes sobre os conteúdos que consomem e os ideais que seguem (COPETTI, 2018).

As estratégias publicitárias nas redes sociais influenciam fortemente os padrões de beleza, promovendo produtos, vestuários e tratamentos que prometem alcançar o corpo ideal. A constante divulgação desses padrões induz muitas jovens a consumirem produtos na tentativa de se adequar aos ideais estéticos, reforçando a ideia de que a beleza pode ser comprada. Assim, estabelece-se uma cultura em que a beleza está intrinsecamente ligada ao consumo, gerando uma pressão adicional para adquirir produtos como forma de se sentir aceita socialmente.

Embora os padrões de beleza nas redes sociais tenham evoluído ao longo do tempo, acompanhando transformações culturais, sociais e tecnológicas, a busca pela perfeição estética permanece como um tema central. A valorização da diversidade e da autenticidade nas plataformas digitais é crescente, proporcionando maior visibilidade e aceitação de diferentes tipos de corpos, etnias e estilos. No entanto, a busca pelo ideal de beleza persiste, impactando a autoestima e a percepção corporal das jovens.

Diante do exposto, este estudo objetiva analisar a influência das redes sociais na construção dos padrões de beleza entre garotas jovens, examinando os efeitos dessa exposição sobre sua autoestima e percepção corporal, bem como os impactos psicológicos associados à busca pela conformidade com ideais estéticos difundidos nas plataformas digitais.

2 PROBLEMA

Com base na fundamentação teórica apresentada, que envolve reflexões sobre representação, construção da autoimagem e influência das mídias, observa-se uma preocupação crescente em relação ao papel das redes sociais na formação de padrões estéticos idealizados. Tais padrões, muitas vezes irreais ou artificialmente modificados por meio de filtros e edições, exercem forte influência sobre a maneira como as jovens percebem a si mesmas.

Como consequência, muitas meninas passam a vivenciar sentimentos de inadequação e baixa autoestima, o que pode levá-las a buscar intervenções estéticas cada vez mais precocemente, na tentativa de se adequar a esses modelos hegemônicos de beleza. Nesse sentido, Américo, Oliveira e Baquião (2022, p. 959)

afirmam que “a mídia atua como um dos principais veículos de disseminação de padrões corporais idealizados, contribuindo para a insatisfação com a própria imagem, especialmente entre adolescentes do sexo feminino”. Os autores ainda complementam que “essa insatisfação [...] está diretamente associada à construção de uma autoimagem distorcida, intensificada pela repetição de modelos de beleza veiculados nas mídias sociais” (AMÉRICO; OLIVEIRA; BAQUIÃO, 2022, p. 961).

Diante desse cenário, o presente trabalho propõe-se a investigar e responder à seguinte questão central:

De que forma as mídias sociais e as séries televisivas influenciam a construção da autoimagem de garotas jovens, e como esse fenômeno tem contribuído para o aumento da procura por procedimentos estéticos cada vez mais precocemente?

3 OBJETIVO GERAL

Analisar como as mídias sociais contribuem para a construção e disseminação de padrões estéticos idealizados entre garotas jovens, entendendo de que forma essa influência impacta a formação da autoimagem e estimula, de maneira precoce, a procura por procedimentos estéticos.

4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar como a exposição a padrões de beleza nas redes sociais impacta a autoestima e a construção da autoimagem entre garotas jovens, analisando os mecanismos pelos quais as mídias sociais e séries televisivas constroem e reforçam modelos estéticos direcionados ao público feminino.
- Analisar a influência dos influenciadores digitais e celebridades na decisão de jovens em recorrer a procedimentos estéticos, considerando os impactos psicológicos e socioculturais gerados por essa busca precoce pela perfeição estética.
- Relacionar os temas abordados na série Beleza Fatal com os comportamentos observados entre garotas jovens nas redes sociais, discutindo de que forma o

conteúdo midiático (relacionado à mídia) reflete e intensifica os padrões estéticos atuais.

5 HIPÓTESES

1- As mídias sociais atuam como agentes influentes na construção de padrões estéticos idealizados.

A exposição constante a influenciadoras digitais nas redes sociais contribui para a criação de padrões estéticos irreais entre adolescentes. O uso de filtros, edições e procedimentos estéticos cria uma imagem idealizada, levando as jovens a se compararem e a se sentirem insatisfeitas com suas próprias aparências, acreditando na existência de um "corpo perfeito".

2- A comparação com padrões irreais interfere no bem-estar emocional.

A constante comparação com padrões inatingíveis nas redes sociais prejudica o bem-estar emocional de garotas jovens e pode desenvolver ansiedade, depressão ou transtornos alimentares. Essa hipótese diz respeito sobre a saúde mental, a pressão para se encaixar e se converter aos padrões estéticos promovem sentimentos psicológicos delicados.

3 - A série *Beleza Fatal* nutre discursos midiáticos em torno da cultura da aparência.

A série não apenas apresenta esse fenômeno, mas também participa da formação de significados sociais relacionados ao corpo, à beleza e ao sucesso. A maneira como os relatos e as imagens são construídos pode tanto reafirmar quanto questionar certos valores, impactando diretamente a forma como o público feminino interpreta essas questões.

4 - A forma que as garotas jovens desenvolvem a percepção sobre seus corpos nas redes sociais é moldada por aprovação na internet, como curtidas, comentários e quantidade de seguidores.

As curtidas, os comentários e o número de seguidores funcionam como formas de validação que têm influência direta sobre a percepção que as jovens têm de si mesmas. Assim, elas se acostumam a moldar sua aparência de para agradar ou

atender as expectativas dos outros, o que gera uma relação frágil entre autoestima e aceitação.

6 METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo caracteriza-se por uma abordagem **qualitativa e descritiva**, voltada à compreensão dos fenômenos socioculturais que permeiam a construção da autoimagem e dos padrões estéticos entre jovens do sexo feminino nas redes sociais. A pesquisa será desenvolvida a partir de uma **revisão bibliográfica narrativa**, contemplando autores que discutem temas como corpo, mídia, autoestima e padrões de beleza, a exemplo de Fardouly et al. (2015), Tiggemann e Slater (2014), Copetti (2018) e Camargo (2024). Além disso, o estudo incorporará uma **análise de conteúdo** da série *Beleza Fatal*, observando como a narrativa e as representações visuais presentes na produção televisiva reforçam ou questionam a cultura da aparência e os ideais de beleza difundidos nas mídias digitais. A escolha dessa metodologia fundamenta-se na necessidade de compreender o fenômeno investigado em sua dimensão simbólica, subjetiva e discursiva, possibilitando interpretar como os discursos midiáticos influenciam a percepção corporal e o comportamento das jovens. Assim, a pesquisa pretende articular teoria e análise empírica, buscando evidenciar as inter-relações entre redes sociais, mídia audiovisual e a formação da autoimagem feminina contemporânea.

CAPÍTULO 1 - AS MÍDIAS SOCIAIS COMO AMBIENTE DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E ESTÉTICA

Nas últimas décadas, as mídias sociais tornaram-se espaços centrais de integração e socialização, especialmente entre os jovens. Plataformas como Instagram, TikTok e YouTube transformaram-se em arenas nas quais os indivíduos não apenas compartilham conteúdos, mas também constroem e projetam suas identidades. Esses ambientes virtuais possibilitam a apresentação de si por meio de escolhas estéticas, narrativas e visuais que refletem tanto desejos pessoais quanto influências culturais mais amplas.

De acordo com Goffman (1959), a identidade pode ser compreendida como uma “apresentação de si” diante de uma plateia, conceito que se aplica diretamente à dinâmica das redes sociais. Nesse mesmo sentido, Bauman (2005) observa que vivemos uma “modernidade líquida”, na qual as identidades são instáveis e moldadas por relações e exigências momentâneas. Os perfis digitais tornam-se, assim, espelhos de uma identidade cuidadosamente gerida, sujeita à aprovação e validação social.

A essa prática de seleção e edição de conteúdos dá-se o nome de “curadoria de si”. Segundo Fardouly et al. (2015), os usuários das redes frequentemente constroem versões idealizadas de si mesmos, selecionando imagens, legendas e estéticas que se alinham a padrões hegemônicos de beleza ou à imagem que desejam projetar. Essa construção identitária é atravessada por fatores sociais, culturais e midiáticos que influenciam profundamente a percepção de si.

Nesse processo, filtros e ferramentas de edição de imagem exercem papel central. Essas tecnologias permitem alterar características corporais, suavizar imperfeições e criar imagens que muitas vezes não correspondem à realidade. Conforme Fardouly et al. (2015) e Camargo (2024), a exposição constante a essas imagens idealizadas pode gerar distorções na autoimagem e insatisfação corporal, impactando negativamente a autoestima — especialmente entre jovens mulheres. Dessa forma, as mídias sociais atuam como arenas de construção identitária e estética, nas quais os indivíduos moldam suas aparências e narrativas de acordo com expectativas internas e externas. Essa dinâmica tem gerado debates importantes sobre autenticidade, pressão estética e os impactos psicossociais desse novo modo de se relacionar consigo e com os outros.

O conceito de padrão estético refere-se ao conjunto de características físicas e visuais consideradas socialmente desejáveis ou valorizadas em determinado contexto. Tais padrões são construções sociais e históricas, moldadas por valores culturais, ideologias dominantes, normas de gênero, classe e raça, sendo constantemente reforçados por instituições como a mídia, a publicidade e, mais recentemente, as redes sociais. O que se considera belo em uma época pode ser rejeitado em outra, revelando o caráter mutável e contextual da estética corporal.

Com o avanço das tecnologias digitais e a popularização das mídias sociais, a padronização da beleza passou a ser reforçada de forma mais intensa e globalizada. De acordo com Américo, Oliveira e Baquião (2022), plataformas como Instagram e TikTok ampliam a circulação de imagens alinhadas a um padrão estético hegemônico — geralmente eurocêntrico, magro, jovem e com traços considerados socialmente valorizados. Ao privilegiarem conteúdos visualmente atraentes, essas redes acabam reproduzindo estereótipos e limitando a diversidade de representações corporais. Nesse cenário, influenciadores digitais e celebridades desempenham papel fundamental. Segundo Tiggemann e Slater (2014), essas figuras atuam como modelos de comportamento e aparência, promovendo estilos de vida e padrões estéticos idealizados. Seu estudo, publicado no periódico *Body Image*, demonstrou que a exposição a imagens de celebridades nas redes sociais está associada a níveis mais elevados de comparação corporal e insatisfação com a própria imagem, especialmente entre adolescentes. A estética cuidadosamente construída em seus perfis alimenta a comparação social, estimulando os seguidores a ajustarem suas próprias imagens corporais em busca de validação e pertencimento.

As redes sociais, portanto, não apenas disseminam modelos idealizados de beleza, como também incentivam práticas contínuas de comparação e autoavaliação corporal. A lógica algorítmica dessas plataformas reforça a visibilidade de corpos que se enquadram nos padrões predominantes, ao mesmo tempo que marginaliza aqueles que fogem do ideal. Esse processo intensifica a pressão estética e impacta diretamente a autoestima e a saúde mental dos usuários, sobretudo dos jovens em fase de construção identitária.

Compreender a formação e disseminação desses padrões exige uma análise crítica das dinâmicas de poder, visibilidade e influência presentes nas redes sociais. É essencial problematizar o papel da mídia na perpetuação de ideais inatingíveis e refletir sobre formas de promover representações mais plurais e inclusivas da beleza.

A autoimagem pode ser entendida como a percepção que uma pessoa tem sobre seu corpo e aparência, enquanto a autoestima refere-se ao sentimento de aceitação e valorização pessoal. Durante a adolescência — período marcado por intensas transformações físicas, emocionais e sociais —, essas dimensões tornam-se ainda mais sensíveis, pois os jovens buscam pertencimento e reconhecimento.

Nesse contexto, a exposição contínua a imagens idealizadas tem um impacto significativo na autoimagem feminina. As plataformas digitais promovem padrões de beleza altamente filtrados e editados, muitas vezes desconectados da realidade. Segundo Tiggemann e Slater (2014), a constante visualização dessas imagens reforça ciclos de comparação social que levam muitas jovens a se sentirem inadequadas e insatisfeitas com seus corpos, o que compromete sua autoestima.

Esse ciclo de comparação pode desencadear diversas consequências emocionais negativas. Conforme Fardouly et al. (2015), a comparação com imagens corporais idealizadas está diretamente associada ao aumento da insatisfação corporal, sentimentos de inadequação e baixa autoestima. Essa influência compromete não apenas a forma como as jovens se enxergam, mas também seu bem-estar emocional e mental.

Além disso, os impactos psicológicos ultrapassam os limites da autoestima. Como apontado por Copetti:

As influências midiáticas que reforçam ideais corporais inatingíveis contribuem significativamente para o aumento de quadros de ansiedade, depressão e transtornos alimentares, afetando principalmente adolescentes do sexo feminino, que se encontram em um período de maior vulnerabilidade emocional e necessidade de aceitação social. (COPETTI, 2018, p. 9)

A pressão para atender a um ideal estético inatingível intensifica o sofrimento psíquico, evidenciando a necessidade de políticas públicas e ações educativas que promovam uma relação mais saudável com o corpo.

A popularização dos filtros de beleza tem aprofundado essas questões. Esses recursos permitem alterar traços faciais, suavizar imperfeições e simular maquiagens ou transformações corporais. Com isso, muitos jovens passam a se identificar mais com uma versão editada de si mesmos, o que pode provocar distanciamento entre a autoimagem real e a digital.

Essa prática sustenta a ideia de que a aparência é o principal critério de valor pessoal, o que aumenta a insegurança e o sentimento de inadequação. A exposição contínua a essas imagens editadas pode gerar distorções perceptivas e, em casos mais graves, levar ao desenvolvimento da dismorfia corporal — transtorno caracterizado por uma preocupação obsessiva com supostas imperfeições físicas.

Camargo (2024) observa que tais transtornos têm sido cada vez mais diagnosticados entre adolescentes, especialmente do sexo feminino, grupo particularmente vulnerável às pressões sociais impostas pelas redes sociais. O uso recorrente de filtros alimenta a comparação com versões idealizadas de si mesmos, o que tem levado ao crescimento da procura por procedimentos estéticos que buscam replicar, no corpo real, as imagens digitais.

Nesse contexto, destaca-se o fenômeno da “selfie editada”, em que a publicação de imagens manipuladas se transforma em estratégia de busca por validação social. Curtidas, comentários e número de seguidores tornam-se indicadores simbólicos de aprovação e passam a influenciar diretamente a percepção de valor pessoal.

Além disso, os algoritmos dessas plataformas tendem a favorecer conteúdos alinhados aos padrões hegemônicos de beleza, reforçando uma estética homogênea e marginalizando representações diversas. Essa lógica cria bolhas de conteúdo que intensificam a pressão estética e a sensação de inadequação.

Esse cenário afeta de forma particularmente intensa meninas e jovens mulheres, que desde cedo aprendem a olhar para si pelos olhos dos outros. Ao vincularem sua autoestima ao número de curtidas ou à aceitação social, muitas acabam por modificar constantemente sua aparência com filtros, ângulos e edições. Essa busca por aceitação, no entanto, pode gerar uma relação frágil com o próprio corpo e comprometer a autoaceitação.

As produções audiovisuais também exercem papel relevante na construção de discursos sobre a aparência. A série *Beleza Fatal*, exibida pela HBO Max, é um exemplo contemporâneo de como a mídia pode tanto reforçar quanto questionar os padrões estéticos. A narrativa acompanha personagens que vivem sob intensa pressão estética, expondo como os padrões de beleza afetam a autoestima, os vínculos sociais e as decisões pessoais. Ao tematizar a obsessão com a imagem, procedimentos estéticos e rivalidade feminina, a série convida o público,

especialmente as mulheres, a refletir criticamente sobre as imposições visuais da sociedade.

A busca incessante por um corpo idealizado, promovida nas redes sociais, tem gerado consequências psicossociais graves, como destacam Copetti e Quiroga (2018): ansiedade, depressão, insatisfação corporal e transtornos alimentares. Tal cenário é agravado pela normalização de procedimentos estéticos — apresentados por influenciadores como práticas rotineiras de “aperfeiçoamento”.

Apesar do surgimento de movimentos que valorizam a diversidade corporal e buscam desconstruir os padrões hegemônicos de beleza, o ideal estético ainda permanece fortemente enraizado nas mídias digitais, moldando comportamentos e expectativas, e afetando diretamente a saúde mental dos jovens.

A desconstrução desses padrões exige ações coletivas e mudanças culturais profundas. Como destaca Copetti (2018), é urgente promover uma educação crítica que ajude adolescentes e jovens a refletirem sobre os ideais impostos, fortalecendo sua autoestima e reduzindo o sofrimento psíquico.

Além da escola, iniciativas midiáticas e movimentos sociais têm contribuído para valorizar a diversidade e questionar a cultura da aparência. Campanhas publicitárias inclusivas, influenciadoras que abordam aceitação e saúde mental e outras ações vêm ampliando o debate e oferecendo novas referências de beleza.

Desenvolver um olhar crítico sobre os conteúdos consumidos nas redes é essencial. Isso inclui questionar padrões, reconhecer manipulações visuais e refletir sobre os efeitos desses conteúdos na forma como nos enxergamos e nos relacionamos. Promover essa consciência é um passo fundamental para a construção de ambientes digitais mais seguros, respeitosos e representativos da diversidade humana.

CAPÍTULO 2 - BELEZA FATAL: A ESTÉTICA COMO ARMADILHA MIDIÁTICA E O CORPO COMO CAPITAL

Beleza Fatal é uma telenovela original da plataforma Max (anteriormente denominada HBO Max), criada por Raphael Montes e dirigida por Maria de Médicis. A produção estreou em 27 de janeiro de 2025 no serviço de streaming e, posteriormente, passou a ser exibida em televisão aberta pela Rede Bandeirantes (Band). A narrativa tem como pano de fundo o universo dos procedimentos estéticos, das influenciadoras digitais e das clínicas de beleza, contando com Camila Queiroz (Sofia), Camila Pitanga (Lola) e Giovanna Antonelli (Elvira) nos papéis principais.

O enredo acompanha a trajetória de Sofia, que perde a mãe, Cléo, após uma acusação injusta, encontrando acolhimento junto à família Paixão — núcleo que também enfrenta a morte de Rebeca em decorrência de uma cirurgia plástica malsucedida e realizada de forma clandestina. Em busca de reparação, Sofia direciona sua vingança contra a família Argento e, em especial, contra Lola, que ascende como influenciadora e assume o comando de uma clínica de estética. Essa premissa articula os temas da vingança, do poder e do mercado da beleza, situando a narrativa no ponto de convergência entre pressão estética, consumo e mercantilização do corpo.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a série é analisada como espelho e crítica da cultura da aparência. A trama evidencia, de forma dramatizada, como padrões de beleza e a busca por aprovação nas redes sociais — expressa em seguidores, engajamento e autopromoção — moldam relações de poder e influenciam a autoimagem, sobretudo entre jovens mulheres. A análise dialoga diretamente com as discussões apresentadas no Capítulo 1, que abordaram questões como comparação social, uso de filtros digitais, dismorfia corporal e influência de celebridades, articulando-as ao objetivo central da pesquisa: compreender a relação entre redes sociais e o crescimento da procura por procedimentos estéticos.

2.1 Pressão estética e padrão inalcançável

O arco narrativo de Rebeca Paixão evidencia como a pressão para “caber no padrão” pode conduzir a escolhas arriscadas. A personagem é persuadida a realizar uma cirurgia plástica e acaba falecendo durante o procedimento. Esse acontecimento

é apresentado nos capítulos iniciais (Cap. 5) e, posteriormente, a telenovela acompanha a investigação das responsabilidades, que se desenvolve entre os capítulos 21 e 25, revelando indícios de coerção por parte do cirurgião Rog e levantando suspeitas sobre outros envolvidos. Ao transformar a clínica em um espaço de promessas e disputas, a narrativa demonstra que a pressão estética ultrapassa a esfera da vaidade, configurando-se também como risco clínico, violência simbólica e fonte de sofrimento emocional. Essa problematização converge com a análise de Copetti (2018), que discute os transtornos e danos psíquicos associados à busca incessante por um padrão inalcançável. Conforme sintetiza a autora:

As influências midiáticas que reforçam ideais corporais inatingíveis contribuem significativamente para o aumento de quadros de ansiedade, depressão e transtornos alimentares, afetando principalmente adolescentes do sexo feminino, que se encontram em um período de maior vulnerabilidade emocional e necessidade de aceitação social. (COPETTI, 2018, p. 9).

Na telenovela, a personagem Gisela, uma das herdeiras da família Argento, apresenta um quadro de transtorno dismórfico corporal (TDC), intensificado pela relação conturbada com seu marido, o cirurgião plástico Rog. Na trama, ela personifica a obsessão pelos padrões estéticos e o sofrimento decorrente da busca incessante pela perfeição. Sua relação com a própria imagem é marcada por insegurança e por uma percepção distorcida de si mesma, refletindo o impacto das cobranças sociais e familiares sobre o corpo e a autoestima. Por meio de Gisela, a narrativa problematiza questões relevantes acerca dos transtornos de imagem corporal e das pressões estéticas que afetam a saúde mental.

Desde a infância, Gisela internalizou a ideia de que sua aparência definia seu valor. Os olhares da família, os elogios seletivos e as comparações constantes contribuíram para a formação de um “espelho interno” distorcido, no qual sua identidade passou a ser reduzida à estética.

Em uma das cenas mais significativas da série (Cap. 7), o personagem Átila Argento, pai de Gisela, afirma: *“Você sabe que está doente, não é, filha?”*. Ao que Gisela responde: *“Doente? Desde quando cuidar da aparência é considerado doença?”*. Diante disso, seu pai esclarece: *“Quando prejudica a saúde mental da pessoa, quando é dismorfia corporal”*.

Segundo a psicanalista Maiara Fidalgo:

Na psicanálise, entendemos que a imagem corporal não é apenas física, mas psíquica. Ela se constrói a partir do olhar do outro, das palavras que nos cercam e da maneira como somos reconhecidos. Quando esse olhar é marcado por cobranças e exigências, o sujeito pode desenvolver uma percepção fragmentada e angustiante de si. (FIDALGO, 2025, [s.p.])

No caso de Gisela, sua obsessão pela perfeição estética não se configura apenas como um desejo, mas como uma necessidade moldada por uma história de amor condicionado, sintetizada na máxima: “*Se eu for bonita o suficiente, serei amada*”.

Já na trajetória de Lola, como influenciadora digital e diretora da clínica *Lolaland*, os procedimentos estéticos são transformados em vitrine e mercadoria: o consultório, as câmeras e os quadros de “antes/depois” convertem intervenções médicas em conteúdo publicitário, frequentemente atravessado por disputas de poder e suspeitas de fraude. A clínica opera no repertório típico das plataformas digitais — transmissões ao vivo, corrida por seguidores e busca por picos de engajamento — vinculando-se à chamada “economia da atenção” e à estética digital, na qual filtros e algoritmos moldam preferências, padrões de beleza e autoestima.

Do ponto de vista analítico, a narrativa encena o conceito de *corpo-capital*: um corpo compreendido como investimento que deve gerar aparência, prestígio e métricas, reforçando um imaginário de “otimização infinita” (COPETTI, 2018). Essa dinâmica articula-se tanto à curadoria de si, discutida por Fardouly et al. (2015), quanto à mediação algorítmica do valor pessoal, apontada por Camargo (2024).

As redes sociais, nesse contexto, constituem o pano de fundo das escolhas estéticas das personagens. Ao transformar procedimentos em *lives*, *stories* e quadros de “antes/depois”, a *Lolaland* adere à lógica da economia da atenção, na qual o valor é medido pelo engajamento obtido. A estética digital — por meio de filtros, edições e algoritmos — estabelece um padrão de beleza que, ao ser recompensado com alcance e visibilidade, molda a autoestima do público. Dessa forma, a persona de Lola como influenciadora reforça a prática da curadoria de si — isto é, apresentar-se estrategicamente para agradar ao olhar do outro —, enquanto as métricas digitais passam a funcionar como indicadores de valor pessoal. O resultado é a naturalização do ideal estético e o estímulo ao consumo de “correções” corporais, de modo que o corpo se torna capital simbólico a ser explorado, gerando prestígio, números e,

simultaneamente, novas inseguranças e a intensificação da busca por procedimentos estéticos.

2.2 Redes sociais, validação e dismorfia

A série encena as redes sociais não apenas como cenário, mas como engrenagem que estrutura o funcionamento da vida das personagens. As telas, as *lives*, os quadros de “antes e depois” e os jogos de espelho simulam a lógica do *feed*: tudo é exposto, comparado e avaliado. Nesse ambiente, a validação por meio de curtidas, seguidores e alcance converte-se em termômetro de valor pessoal, influenciando escolhas, afetos e decisões sobre o próprio corpo.

A estética digital é representada na trama por meio do uso de filtros, ângulos, edições e do controle rigoroso da imagem pública. Esse repertório estimula a comparação constante entre o corpo real e o corpo idealizado, produzindo um descompasso que atinge, de modo especial, as mulheres jovens. Segundo Fardouly et al. (2015), esse processo se relaciona à chamada curadoria de si: selecionar e exibir versões “melhoradas” de si mesmo como estratégia para manter pertencimento e aprovação social. Esse ciclo retroalimentado fragiliza a autoestima e intensifica a comparação contínua, articulando-se tanto à noção de curadoria de si (FARDOULY et al., 2015) quanto à relação entre redes sociais e dismorfia corporal (CAMARGO, 2024).

Para evidenciar essa busca por aprovação, a personagem Lola explicita o modo de produção de conteúdos voltados para engajamento. Em uma cena, contrapõe o “mundo *streaming*”, mensurado por audiência e engajamento, à televisão aberta: “*Eu estou no futuro. Eu sou o streaming, o seu pai é a TV aberta. A TV aberta está morrendo! Eu tô aqui, vivíssima!*” (Cap. 7). Em outra fala significativa, procedimentos estéticos são tratados como práticas cotidianas, diretamente vinculadas à busca por visibilidade nas redes: “*Todo mundo junto, viu? Na alegria, no botox e na harmonização facial*” (Cap. 9).

Essas passagens evidenciam que, na lógica das plataformas, parecer passa a ter o mesmo peso que ser, e que as modificações no rosto e no corpo se tornam estratégias de permanência em evidência. Os algoritmos e métricas recompensam o visual padronizado com maior alcance e comentários, pressionando as personagens a seguir o ideal de beleza e a medir o próprio valor por números. Nesse ponto, a série

conecta-se diretamente aos estudos discutidos no Capítulo 1: filtros e comparações intensificam a insatisfação corporal (FARDOULY et al., 2015; TIGGEMANN; SLATER, 2014), enquanto a dependência de validação externa fragiliza a autoimagem e pode conduzir ao desenvolvimento da dismorfia corporal (CAMARGO, 2024).

2.3 A série como crítica social

A telenovela *Beleza Fatal* organiza sua narrativa de modo a simultaneamente representar e questionar a cultura da aparência. Ao longo da trama, observa-se uma crítica explícita aos padrões de beleza e, sobretudo, à influência das mídias sociais na vida cotidiana. Essa crítica se constrói, em especial, em torno da lógica de pertencimento — ser ou não aceito — mediada por métricas de aprovação, como curtidas e seguidores. Nesse processo, a obra evidencia os custos emocionais e sociais da busca incessante por adequação estética.

A produção, inicialmente, retrata o universo da beleza como ele se apresenta nas redes: vídeos de “antes e depois”, linguagem publicitária, tutoriais, *lives* e indicadores de engajamento. Em seguida, expõe a outra face desse fenômeno: promessas exageradas, pressão para se encaixar, erros, fraudes, além da dor e do luto diante de resultados negativos. Assim, a série sugere que os procedimentos estéticos não se restringem a questões de vaidade ou a simples tendências de consumo, mas envolvem poder, riscos clínicos e assimetrias de informação entre quem oferece e quem consome.

A crítica também emerge da própria forma narrativa. Quando um procedimento estético é transformado em conteúdo midiático e a dor é convertida em espetáculo, o público é levado a refletir: por que isso parece normal? Quem ganha com essa dinâmica? Quem perde? A obra sugere que a promessa de “melhoria” raramente é neutra, podendo incluir pressões econômicas, humilhações e decisões tomadas sem pleno esclarecimento, sobretudo por indivíduos em situação de vulnerabilidade.

Outro aspecto central é a saúde mental. A narrativa mostra como as redes sociais fomentam a comparação incessante, a busca por curtidas e a ideia de que “parecer vale tanto quanto ser”. Essa lógica fragiliza a autoestima e abre espaço para quadros de ansiedade, depressão e dismorfia corporal. As personagens que melhoram a imagem para “performar” melhor nas redes não estão apenas cuidando de si, mas negociando sua própria identidade para permanecer visíveis e aceitas.

A série também chama atenção para o papel das plataformas digitais, em que a atenção se torna o bem mais disputado. Conteúdos que se alinham ao padrão dominante recebem maior alcance, produzindo um efeito de homogeneização: menor diversidade de rostos e corpos visíveis e, conseqüentemente, maior pressão para se adequar ao “visual que dá certo”. O público, nesse processo, tende a confundir “sucesso” com números e “valor pessoal” com aprovação digital, normalizando intervenções estéticas como formas de “manutenção”.

Em síntese, *Beleza Fatal* desempenha duas funções centrais. De um lado, funciona como espelho, ao retratar práticas e discursos presentes nas redes sociais e no mercado da beleza. De outro, atua como crítica, ao expor os riscos clínicos, o sofrimento psicológico e as relações de poder atravessadas por desigualdade e controle.

A partir dessa perspectiva, a obra amplia o debate em três eixos principais:

1. **Saúde mental** — necessidade de reconhecer sinais de sofrimento relacionados à comparação constante, à dependência de validação externa e ao uso excessivo de filtros que distorcem a autoimagem;
2. **Aparência e autonomia corporal** — importância de decisões informadas, sem pressões sociais, acompanhadas de orientação profissional e realismo quanto a riscos e resultados, sobretudo entre adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade;
3. **Mercado estético e responsabilidade social** — necessidade de comunicação ética, com transparência em publicidades, identificação de imagens manipuladas e proteção de públicos vulneráveis.

Além de diagnosticar criticamente a cultura da aparência, *Beleza Fatal* sugere caminhos práticos que transcendem a ficção. Entre eles, destacam-se a educação midiática — aprender a interpretar filtros, algoritmos e narrativas de “antes e depois” — e o fortalecimento da saúde mental, com escolas, famílias e serviços especializados atentos a sinais de dismorfia corporal, transtornos alimentares e baixa autoestima relacionados ao uso das redes.

Nesse sentido, a série também aponta para a necessidade de regulamentações claras, como a inclusão de rótulos em publicações com imagens manipuladas, avisos sobre riscos de procedimentos e restrições a campanhas agressivas direcionadas a

adolescentes. Defende, ainda, a valorização da diversidade, com maior visibilidade para corpos, idades, raças e estilos distintos, de modo a reduzir a sensação de obrigatoriedade em seguir um padrão único de beleza.

Por fim, a narrativa ressalta a importância do uso consciente das redes sociais, incentivando a redução do tempo gasto em comparações, a possibilidade de silenciar perfis que geram mal-estar e a busca por referências que fortaleçam uma relação mais saudável com o próprio corpo.

No conjunto, *Beleza Fatal* demonstra como beleza, redes sociais e mercado se interligam, produzindo impactos concretos, sobretudo entre mulheres jovens. Ao mesmo tempo, convida à reflexão crítica: menos culto à performance e mais cuidado; menos cobrança e mais informação; menos padrão único e mais diversidade.

CAPÍTULO 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS: BELEZA, IDENTIDADE E O ESPELHO DIGITAL

3.1 Beleza, mídia e identidade contemporânea

Este capítulo tem como objetivo apresentar as considerações finais do estudo, retomando os principais pontos debatidos e evidenciando as contribuições que a análise da série *Beleza Fatal* trouxe à compreensão da relação entre redes sociais, estética e saúde mental. Mais do que encerrar, este capítulo busca sintetizar as articulações entre ficção e realidade, demonstrando como o produto audiovisual analisado reflete e problematiza fenômenos socioculturais contemporâneos, sobretudo a construção da autoimagem na era digital.

Ao longo da pesquisa, constatou-se que as redes sociais funcionam como ambientes de construção identitária e estética, onde a exposição pública e a busca por aprovação se tornam centrais na definição de quem se é. Como discutido no Capítulo 1, essa dinâmica é explicada por Goffman (1959) a partir da noção de “apresentação de si”, em que cada indivíduo administra sua imagem diante de uma plateia. Na cultura digital, essa plateia é potencialmente ilimitada, e a performance de si — marcada por filtros, poses e narrativas visuais — adquire status de identidade.

3.2 A ficção como espelho social

A série *Beleza Fatal* dramatiza esse processo de modo exemplar. A personagem Lola, influenciadora digital e empresária da beleza, representa o sujeito contemporâneo que vive sob a lógica do espetáculo permanente. Sua existência é mediada por métricas de engajamento, e seu corpo, transformado em mercadoria simbólica, opera como ferramenta de visibilidade. Assim, a ficção evidencia a transição do corpo como expressão de identidade para o corpo como *capital estético*, no sentido apontado por Copetti (2018), em que o valor simbólico da aparência é convertido em poder social.

A trajetória de Gisela, por sua vez, revela o outro lado dessa mesma moeda. Se Lola encarna o ideal da performance perfeita, Gisela representa o sofrimento silencioso de quem internaliza os padrões estéticos de modo patológico. Seu quadro de dismorfia corporal — exposto de forma sensível pela narrativa — reflete o impacto

psicológico da comparação social e da busca incessante pela perfeição. Como destaca Camargo (2024), a dismorfia tem se tornado um sintoma típico da cultura digital, em que o “eu filtrado” se impõe como ideal inatingível.

A análise dessas personagens permite compreender que a série não apenas reproduz o imaginário das redes, mas o desnuda criticamente. Em *Beleza Fatal*, o sofrimento, a competição e o narcisismo não são desvios, mas produtos previsíveis de uma sociedade que mede valor pelo desempenho visual. A ficção, portanto, funciona como espelho distorcido da realidade: exagera para revelar, dramatiza para denunciar.

3.3 A lógica da estética e a vigilância social

O enredo evidencia que a pressão estética não é apenas uma questão individual, mas estrutural. As clínicas de beleza, as campanhas publicitárias e as dinâmicas de validação digital compõem um sistema integrado que transforma a aparência em objeto de controle e desejo. Esse sistema é alimentado por algoritmos que privilegiam corpos “vendáveis” e excluem outros, reforçando o padrão hegemônico e limitando a pluralidade estética.

Nessa lógica, a estética deixa de ser expressão pessoal para se tornar uma forma de obediência social. As personagens femininas de *Beleza Fatal* oscilam entre dois polos: a submissão às regras da beleza e a tentativa de libertação por meio da consciência crítica. Entretanto, a série mostra que a libertação é difícil, pois o olhar social — agora multiplicado pelas telas — é onipresente e invasivo, conforme já sugeria Foucault (1975) com a metáfora do panóptico.

A narrativa também denuncia o modo como a estética se vincula à ideia de sucesso e pertencimento. O corpo belo é o corpo que “vence”, o que acumula curtidas, seguidores e oportunidades. Essa equivalência entre beleza e valor produz uma economia afetiva na qual a autoestima se torna refém das métricas digitais. Em várias cenas, a satisfação das personagens é medida pela reação do público, evidenciando que o amor-próprio depende do outro — e, mais especificamente, do olhar coletivo mediado pelas redes.

3.4 O espetáculo e o sofrimento

A dramaturgia de *Beleza Fatal* é construída sobre contrastes simbólicos. De um lado, a promessa de felicidade, poder e prestígio vinculada à beleza; de outro, o vazio existencial e o sofrimento resultantes da tentativa de sustentar uma imagem perfeita. Esse contraste sintetiza o dilema contemporâneo da identidade líquida descrito por Bauman (2005): a constante reconstrução de si como resposta à instabilidade e ao medo de desaparecer na multidão digital.

Ao transformar a dor em espetáculo — como nos vídeos de “antes e depois”, nas lives de procedimentos e nas cenas de exposição pública do corpo —, a série questiona os limites éticos da exposição. O sofrimento das personagens torna-se entretenimento, refletindo uma cultura que consome a vulnerabilidade alheia com a mesma naturalidade com que consome publicidade. Assim, *Beleza Fatal* propõe uma crítica direta à espetacularização da dor e à naturalização da vigilância estética.

3.5 A dimensão simbólica da vingança e da libertação

A figura de Sofia, protagonista movida pela vingança, representa a dimensão moral da narrativa. Sua trajetória atravessa o mundo da beleza, mas não para aderir a ele, e sim para desmascará-lo. Sua luta é também simbólica: ao confrontar o sistema estético que destruiu sua mãe, Sofia confronta a lógica social que transforma corpos em mercadorias e identidades em marcas. Dessa forma, a vingança de Sofia é uma metáfora para a busca de justiça estética e psicológica — um chamado à reparação.

Outro ponto relevante é a forma como *Beleza Fatal* associa a cultura da aparência à precarização emocional. As personagens vivem em constante estado de exposição, vigilância e comparação, o que as impede de desenvolver relações autênticas consigo mesmas e com os outros. O desejo de aprovação substitui o afeto genuíno, e a identidade se dissolve em performances calculadas. Trata-se de um retrato contundente da alienação digital: somos visíveis, mas não necessariamente vistos.

3.6 O corpo como sintoma e a crítica ao consumo estético

A série também sugere que, por trás da busca estética, há uma carência afetiva e social. A necessidade de ser admirado e reconhecido esconde um sentimento de inadequação que a mídia apenas disfarça. Como mostram Fardouly et al. (2015) e Tiggemann & Slater (2014), a comparação social constante está diretamente associada à diminuição da autoestima. *Beleza Fatal* traduz visualmente esse processo, mostrando que a beleza, quando imposta, não liberta — aprisiona.

A crítica que emerge da obra é, portanto, de caráter existencial e político. Existencial porque revela o sofrimento de indivíduos que perdem a si mesmos em busca de uma imagem ideal. Político porque denuncia a estrutura de poder que lucra com a insegurança e a insatisfação, mantendo viva a indústria da beleza e da aparência. Assim, o discurso de empoderamento estético é desmascarado como retórica de consumo, na qual o “autocuidado” é confundido com “autopromoção”.

3.7 Educação midiática e reconstrução da imagem

Ao expor a estética como armadilha, *Beleza Fatal* nos convida a refletir sobre a necessidade de uma educação midiática e emocional que forme sujeitos mais críticos diante das imagens. Reconhecer a manipulação, compreender os algoritmos e questionar os padrões são passos fundamentais para reconstruir uma relação mais saudável com o próprio corpo e com o olhar do outro. Essa dimensão educativa, sugerida indiretamente pela série, dialoga com o papel da escola e da família como espaços de reflexão e acolhimento.

Nesse sentido, é possível afirmar que a ficção cumpre um papel social relevante: transforma o entretenimento em provocação ética. Ao assistir *Beleza Fatal*, o público é confrontado com perguntas incômodas — o que é beleza? O que estamos dispostos a sacrificar por ela? — e, ao mesmo tempo, convidado a perceber que a imagem, embora poderosa, não define o valor humano.

3.8 Síntese e encerramento

As discussões apresentadas neste trabalho revelam, portanto, que as mídias sociais e as produções audiovisuais contemporâneas não apenas refletem comportamentos, mas os modelam. *Beleza Fatal* funciona como espelho e denúncia, expondo como a cultura da aparência se infiltra nas subjetividades e se reproduz em diferentes esferas da vida. A série reitera o alerta dos teóricos aqui utilizados: quando o corpo se torna capital e o olhar do outro se converte em moeda, a identidade passa a ser produto de consumo.

Em conclusão, o estudo reafirma a importância de promover uma cultura digital crítica e inclusiva, que valorize a diversidade estética e o bem-estar psicológico. A partir da análise de *Beleza Fatal*, compreende-se que a beleza, quando libertada do imperativo da perfeição, pode recuperar seu sentido humano e plural — o de expressão autêntica do ser. O desafio que permanece é transformar o espelho digital em espaço de reconhecimento, e não de comparação; de presença, e não de performance.

6 REFERÊNCIAS

AMÉRICO, I. S.; OLIVEIRA, J. R.; BAQUIÃO, N. R. *A influência da mídia nos padrões de beleza*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS HUMANAS, 3., 2022, São João da Boa Vista. Anais [...]. São João da Boa Vista: UNIFIA, 2022. p. 958–970. Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2022/09/A-INFLU%C3%84NCIA-DA-M%C3%84DIA-NOS-PADR%C3%94ES-DE-BELEZA-p%C3%A1g-958-a-970.pdf>. Acesso em 3 ago. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BULGARELLI, Reinaldo. *Diversos somos todos: valorização, promoção e gestão da diversidade nas organizações*. São Paulo: Aberje Editorial, 2023. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=T960EAAAQBAJ>. Acesso em: 7 set. 2025.

CAMARGO, Ana Lúcia; SOUZA, Cristiano. *O uso dos filtros de imagem e suas consequências na formação da autoimagem dos adolescentes*. 2024. Disponível em: [Psicologia - Ana Lúcia de Camargo.pdf](#). Acesso em: 23 maio 2025.

COPETTI, Aline Vieira Sá; QUIROGA, Carolina Villanova. *A influência da mídia nos transtornos alimentares e na autoimagem em adolescentes*. *Revista de Psicologia da IMED*, Passo Fundo, v. 10, n. 2, p. 161-177, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-50272018000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 31 mar 2025. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2018.v10i2.2664>

FARDOULY, Elizabeth L. *et al.* Adolescent girls' use of social media and its impact on mental health: a literature review. *Global Mental Health*, [S.l.], Cambridge University Press. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/global-mental-health/sign-up-for-alerts>. Acesso em: 1 abr. 2025.

FARDOULY, Jasmine; DIEDRICHS, Phillippa C.; VARTANIAN, Lenny R.; <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1740144514001847>. Acesso em: 12 mar. 2025

FIDALGO, Maria. *Na psicanálise, entendemos que a imagem corporal não é apenas física, mas psíquica...* Instagram: @mariafidalgo.psi, 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/mariafidalgo.psi/>. Acesso em: 18 maio 2025.

GOFFMAN, E. *Goffman e as relações de poder na vida cotidiana*. *SciELO-Revista brasileira de ciências sociais*. Disponível em: SciELO Brasil - Goffman e as relações de poder na vida cotidiana Goffman e as relações de poder na vida cotidiana. Acesso em: 2 jun. 2025

HALLIWELL, Emma. *Social comparisons on social media: The impact of Facebook on young women's body image concerns and mood*. *Body Image*, v. 13, p. 38-45, 2015. Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2022/09/A-INFLU%C3%84NCIA-DA-M%C3%84DIA->

NOS-PADR%C3%95ES-DE-BELEZA-p%C3%A1g-958-a-970.pdf. Acesso em: 06 abr. 2025.

LARA, Camila Clozato; FRANCATTO, Evelyn Mairy; AVÍNCOLA, Alexandre Silva. *Impacto das redes sociais sobre a insatisfação corporal em meninas adolescentes no Ensino Médio*. Redin-Revista Educacional Interdisciplinar, Taquara, RS, v.11, n.2, p.32, 22 dez.2022. Disponível em: <https://seer.faccat.br/index.php/redin/article/view/2590>. Acesso em: 4 abr. 2025

MAKWANA, Bindal; LEE, Yaeun; PARKIN, Susannah; FARMER, Leland. Selfie-Esteem: The *Relationship Between Body Dissatisfaction and Social Media in Adolescent and Young Women*. *In-Mind Magazine*, n. 35, 2018. Disponível em: <https://www.in-mind.org/article/selfie-esteem-the-relationship-between-body-dissatisfaction-and-social-media-in-adolescent>. Acesso em: 28 mar. 2025

MEDICINA CONSULTA. *Redes sociais, saúde mental e jovens: impactos, riscos e estratégias para um uso consciente*. 24 mar. 2025. Disponível em: <https://medicinaconsulta.com.br/redes-sociais-saude-mental-jovens/>. Acesso em: 7 set. 2025.

QUEIROZ, Natália. *Beleza fatal: os perigos por trás da febre dos procedimentos estéticos*. Jornal Metrôpoles, São Paulo, 17/03/2025. Disponível em: *Beleza fatal: os perigos por trás da febre dos procedimentos estéticos | Metrôpoles*. Acesso em: 1 de abril de 2025.

SANTOS, Maria Aparecida dos. *A saúde mental dos adolescentes e a influência das redes sociais*. *Revista ComCiência*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 1-10, 2023. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/comciencia/article/view/17581>. Acesso em: 7 set. 2025.

SILVA, João da. *A valorização da diversidade: o que ajuda no combate ao preconceito?* *Escola da Inteligência*, [S.l.], 2016. Disponível em: <https://www.escoladainteligencia.com.br/valorizacao-da-diversidade/>. Acesso em: 7 set. 2025.

TIGGEMANN, Marika; SLATER, Amy. *NetGirls: The Internet, Facebook, and body image concern in adolescent girls*. *International Journal of Eating Disorders* v. 46, n. 6, p. 630, 2013. Disponível em *Impacto das redes sociais sobre a insatisfação corporal em meninas adolescentes no Ensino Médio | Redin - Revista Educacional Interdisciplinar*. Acesso em 25 mar. 2025